

AJURI

Compromissos de espíritas na Amazônia

João Carlos Jr <jcarlos.jr@gmail.com>
Iolete Ribeiro da Silva <iolete.silva@gmail.com>
 Fundação Allan Kardec - FAK

Resumo: O objetivo da reencarnação é promover a perfeição e nos colocar em condições de suportar a parte que nos toca na obra da criação, conforme nos orientam os Espíritos em resposta a Kardec. Cabe-nos saber o que “promove a perfeição” no contexto onde estamos encarnados ou onde nossa vida está se construindo na vida de relação conosco, com o próximo e no ambiente onde estamos. Inspirados pela interrogação de Kardec na questão 132 de o Livro dos Espíritos, indagamos: Como espíritas, qual o significado da nossa reencarnação nessas terras amazônidas? Partimos da premissa de que os povos originários foram os seus primeiros cuidadores e prepararam essa Casa Comum, possibilitando que aqui renascêssemos. O objetivo deste trabalho é, como espíritas reencarnados nesse território amazônida, refletir sobre quais são os nossos compromissos iluminativos. Para alcançarmos esse objetivo, analisamos à luz da Doutrina Espírita a obra “Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas” escrita na Amazônia do Século XVIII, pelo Padre João Daniel. As reflexões construídas estão organizadas em três seções. A primeira aborda as visões sobre a Amazônia e os povos indígenas à luz da Doutrina Espírita, apontando pontos importantes para desnaturalizar estereótipos. Na segunda, são apresentados aprendizados extraídos a partir do relato do Padre Jesuíta João Daniel que nos ajudam a entender os desafios vivenciados ao longo da história da Amazônia e na atualidade. Na terceira e última seção, são discutidos os compromissos iluminativos com os povos originários, frente ao contexto apresentado. Espera-se que este trabalho ajude a ressignificar as responsabilidades que assumimos ao renascer nessas terras amazônicas.

Palavras-chave - Povos originários. Reencarnação. Terras amazônicas. Papel dos espíritas. Transição planetária. COVID 19.

Submetido em 10/10/2023
Aprovado em 13/09/2025

1 INTRODUÇÃO

Segundo o que os Espíritos responderam para Allan Kardec [1], o objetivo da reencarnação é promover a perfeição além de “*pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação*”. Considerando essa afirmação, cabe-nos saber o que “promove a perfeição” no contexto em que estamos encarnados ou onde nossa vida está se construindo na relação conosco, com o próximo e o ambiente. Não por acaso, na existência atual renascemos na Amazônia e construímos nossa vida familiar, nosso trabalho de conquista do ‘pão nosso de cada dia’, nossa religiosidade.

Considerando que é em nossa consciência individual que se revela a Lei divina¹ [2], buscamos refletir, neste trabalho, sobre a “parte que nos toca na obra da criação”, como espíritas reencarnados em terras amazônicas. Ao renascermos na Amazônia, assumimos responsabilidades de contribuir coletivamente para “*em harmonia com a matéria essencial desse mundo... cumprir... as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele*

¹ Q. 621. Onde está escrita a lei de Deus? "Na consciência."

[o ser] próprio se adianta.” [1]. Sem a preocupação de esgotar as reflexões, mas apresentar as que realizamos no momento, pretende-se neste artigo buscar algumas pistas de quais são os nossos compromissos com as terras amazônidas, em especial com os Amazônidas.

Partimos da ideia de que os povos originários, prepararam essa “casa comum”, para que aqui chegássemos [3]. Entretanto, o ingresso de não-indígenas nessa região se deu em processo sangrento de dizimação de povos indígenas e da ação predatória sobre o meio ambiente. Vivemos movimentos migratórios para essa região, seja por conta da empregabilidade no ‘Polo Industrial de Manaus’, seja pelo contexto familiar ou por outros ajustes reencarnatórios necessários, e isso está de acordo com a Lei do Progresso. Muitos de nós estamos na região há várias reencarnações e além dos compromissos individuais de reforma íntima possuímos compromissos coletivos com a região. A fim de realizar um esforço inicial para a tomada de consciência sobre os significados da nossa reencarnação nessas terras amazônidas construímos esse trabalho.

O contexto de realização deste trabalho nos situa em período de transição planetária, pós pandemia do Covid-19 e em meio a uma crise climática, que provoca uma das maiores secas registradas na Amazônia e muitas queimadas, que têm tornado o ar danoso para a saúde. Para ancorar as reflexões, numa mirada para o porvir, sobre o que nos cabe nas terras amazônicas, recorremos à obra “Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas” (Vol. 1 e 2) [4] escrita pelo Padre João Daniel (1722-1776), chamada de Bíblia Ecológica por Leandro Tocantins [5].

Padre João Daniel foi um jesuíta que reencarnou em Portugal e trabalhou na Amazônia por seis anos, vivendo na região de 1741 a 1757, quando foi expulso e preso em Portugal na época em que Marquês de Pombal² era secretário de Estado do Reino de Portugal. A partir da sua Obra, fazemos um recorte da história da Amazônia e analisamos nossos compromissos iluminativos, inspirados na lição do “Homem de bem” [6] e no convite do Espírito de Verdade [7], ambos expressos em O Evangelho segundo o Espiritismo que nos dizem:

[...] As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se lhes associam. Nós vos convidamos, a vós homens, para o divino concerto. Tomai da lira, fazei uníssonas vossas vozes, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do universo.

Homens, irmãos a quem amamos, aqui estamos junto de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: Senhor! Senhor! ... e podereis entrar no reino dos Céus.

Imbuídos do desejo de descortinar nossos compromissos com os povos amazônidas, debruçamo-nos nas reflexões apresentadas neste trabalho, organizadas de 3 seções, incluindo esta introdução e as considerações finais. Na primeira seção, são abordadas as visões sobre a Amazônia e os indígenas. Na segunda seção, é analisada uma obra do Sec. XVIII, a fim de se apontar representações correntes à época sobre os povos originários. A última seção é um convite para o Ajuri no tempo presente, como forma de construir outras sociabilidades junto aos povos indígenas que sejam orientadas pelo amor ao próximo.

² Biografia acessada em 05/09-2023:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebasti%C3%A3o_Jos%C3%A9_de_Carvalho_e_Melo

2 VISÕES SOBRE A AMAZÔNIA E OS INDÍGENAS

As representações sociais sobre a Amazônia e os povos indígenas têm sido estudadas por várias ciências. Há consenso que os interesses dos colonizadores ao invadir as Américas instalou na região um processo sangrento de exploração e escravização dos povos indígenas e de destruição do meio ambiente, que repercutem até os dias atuais. Um dos recursos utilizados para opressão dos povos originários foi a atribuição do *status* de selvagem. Segundo Meirelles e Martins [8] a nossa visão sobre a Amazônia se assemelha à dos viajantes do século XIX, "*que a classificava como Terra Incógnita, um espaço selvagem, a floresta do exótico, vazio, riquezas infinitas do El Dorado, inferno verde, enfim, a mítica visão eurocentrista da Amazônia-espetáculo*". Mesmo quando passam a vigorar as narrativas de defesa de um modelo de desenvolvimento sustentável na segunda metade do Século XX, não são revertidas a expropriação dos recursos naturais e a desarticulação dos modos de vida indígena, quilombola e ribeirinho dos Amazonidas [9].

Almeida afirma que novas leituras, a partir da história e da antropologia, têm contribuído para produzir novas interpretações dos textos produzidos por cronistas e jesuítas no Brasil colonial, "*lançando novas luzes sobre as relações estabelecidas entre índios, missionários e colonos, em situações de contato*" [10]. O relato do Padre Daniel – selecionado como referência para a reflexão construída neste artigo, apesar de ser produto de um homem do seu tempo – possui algumas contradições, que expressam, por um lado, a reprodução do estereótipo do selvagem e, por outro, a admiração pelos indígenas.

Desta forma, o Padre Almeida permite outros olhares sobre sua experiência na Amazônia do Século XVIII, que podem nos ajudar a compreender os desafios colocados a nós Espíritas para realizarmos letramento racial necessários para construirmos uma aproximação respeitosa com os povos indígenas. No entanto, para cumprir essa tarefa, é imprescindível contextualizar a codificação kardequiana, no que se refere às questões étnico-raciais.

À época da codificação, a ciência referendava a hierarquização das pessoas em função da sua raça, como era o caso da frenologia. Diversos estudos defendiam a existência de várias raças, colocavam a raça branca como superior e ofereciam argumentos que justificaram desde a existência de zoológicos humanos até o processo de escravização e desumanização de indígenas, africanos e todos aqueles não reconhecidos como europeus.

Foi nesse contexto que Kardec viveu e realizou o trabalho de codificação da Doutrina Espírita. No livro dos Espíritos há 27 referências à Selvagem ou Selvagens. Em todas elas predomina a ideia de superioridade do europeu e inferioridade dos chamados selvagens. Os mesmos sentidos estão presentes nas demais obras da codificação. A esse respeito, uma Nota Explicativa foi publicada pela Editora da Federação Espírita Brasileira, em 2007, por força de um Termo de Ajustamento de Conduta, junto ao Ministério Público Federal/Procuradoria da República no Estado da Bahia, para demonstrar a ausência de discriminação ou preconceito nas obras de Allan Kardec [11]. A Nota afirma que:

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente. É baseado nesses informes "científicos" da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra [11].

Frente a essa constatação é preciso lembrar que o método utilizado por Kardec ressalta a importância do crivo da razão. Kardec foi:

Formado na tradição cultural do Século XVIII, herdeiro de Francis Bacon, René Descartes e Rousseau, compreendeu claramente que o problema do seu tempo repousava na questão do método. Os fenômenos espíritas se verificavam com intensidade, como uma espécie de reação natural aos excessos do empirismo, no bom sentido do termo, que era a aplicação do método experimental a todo o conhecimento. A tradição espiritual rejeitava esses excessos, mas não dispunha de armas para combatê-los. Kardec resolveu aplicar o método experimental ao estudo dos fenômenos espíritas [12].

O Espiritismo se fundamenta na fé raciocinada que segundo Kardec deve encarar face-a-face a razão em todas as épocas da humanidade [13]. Dessa forma, acredita-se oportuno colocar em reexame a questão apontada acima sobre a relação entre a Doutrina Espírita e os povos originários. Reconhecemos que a moral cristã é atemporal. E tendo como norte a premissa de que o amor é princípio fundante da vida, é indiscutível que devemos nos considerar irmãos em Cristo, sem distinção étnico-racial ou qualquer outra [14].

A Nota Explicativa da Editora da FEB conclui:

o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente, tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral [11].

A história da Amazônia é recheada de violências racistas contra indígenas e nós, espíritas, devemos cooperar a favor do reerguimento e da elevação espiritual, nossa e dos nossos semelhantes. Assim, não podemos estar indiferentes às condições de vida dos povos indígenas. Relatório do Conselho Indigenista Missionário/CIMI informa que, em 2021, 176 indígenas foram assassinados no país. Esse número é subestimado porque não foram computadas as mortes de indígenas residentes nas cidades. Quase metade desses assassinatos ocorreram na Amazônia, sendo o Amazonas, o estado que ocupa o primeiro lugar em número de assassinatos (38), seguido pelo Mato Grosso do Sul (35). Essas violências são a ponta do iceberg do racismo contra indígenas [15].

Frente a essa realidade, quais são os nossos compromissos iluminativos com os povos indígenas? Para transformar é preciso conhecer. conheceréis a verdade e a verdade vos libertará. Um dos caminhos é o Letramento racial. Precisamos nos abrir para compreender os desafios colocados para a construção de uma convivência harmoniosa entre Seres diversos, em termos étnicos-raciais [16]. Este trabalho é um esforço nessa direção. A seguir serão apresentados trechos da Obra do Padre João para guiar nossas reflexões.

3 O “TESOURO DESCOBERTO NO MÁXIMO RIO AMAZONAS”, DO PADRE JOÃO DANIEL

Segundo a pesquisadora Maria Regina Celestino de Almeida o Padre João Daniel teve a

[...] sua obra, escrita na prisão, revela intensa vivência na região, admiração e interesse pela exuberante natureza descrita com detalhes e entusiasmo, o que torna o autor além de religioso, naturalista. Serafim Leite, ressaltando o caráter multidisciplinar de seu texto, afirma que ele vai da geografia à sociologia, à história, à etnografia, à antropologia, à botânica e à zoologia [17].

O autor escreveu esses documentos em um período em que os Jesuítas foram expulsos do trabalho missionário, eram oposição ao governo de Portugal, além de serem aprisionados, o que dá sentido aos indícios dos *“fatores que, sem dúvida, influenciaram suas reflexões e provavelmente lhe permitiram expressar com fidelidade suas reais concepções sobre o assunto”* [17].

É importante contextualizar que João Daniel trazia suas verdades, seus costumes e uma perspectiva sobre o seu papel a realizar em uma Colônia de Portugal, sem recursos materiais e povoada por indígenas que ele considerava “longe do progresso” do continente europeu. Almeida descreve bem isso e destaca o que Padre Daniel pensava sobre os povos indígenas.

João Daniel, como seus colegas missionários, pretendia transformar os índios³ em cristãos e criticou rigorosamente seus costumes nefastos, mas é surpreendente a admiração com que descreve algumas técnicas dos chamados “selvagens”, sugerindo, inclusive, que fossem incorporadas pelos colonizadores. A certeza de possuir a verdade de uma religião e civilização superiores não o impediu de admitir que alguns costumes dos “índios bravos” eram dignos de serem imitados. Acredito que as muitas contradições presentes em seu texto, principalmente na forma como se refere aos índios, refletem a ambiguidade entre o a priori da verdade estabelecida e a vivência de uma realidade nova, que atua quase imperceptivelmente sobre as concepções originais de um saber ortodoxo. João Daniel veio para a Amazônia cheio de verdades, trabalhou ali como religioso, imbuído da tarefa de transmitir essas verdades, mas das entrelinhas de seu texto é possível inferir uma posição crítica quanto à ação colonizadora, incluindo-se aí a prática missionária [17].

Os textos do Padre João Daniel foram colecionados e enfeixados em dois volumes, o primeiro de 600 e o outro, de 640 páginas. A versão utilizada foi editada pela Contraponto Editora, do Rio de Janeiro e seus editores assim descrevem a obra:

³ A expressão “índios” somente será utilizada nesse texto quando se tratar de uma citação direta, vez que os autores utilizam a expressão indígenas. A expressão “índio” reforça estereótipos preconceituosos, que geralmente retratam os povos indígenas como selvagens, atrasados e preguiçosos. Por outro lado, o termo “indígena” significa “originário, aquele que está ali antes dos outros” e valoriza a diversidade de cada povo. Fonte: Dicionário de Comunicação da SECOM/Senado Federal. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/indio#:~:text=Ind%C3%ADgena%20significa%20%22origin%C3%A1rio%2C%20aquele%20que,vez%20de%20Dia%20do%20%C3%8Dndio.>

A versão manuscrita do Tesouro Descoberto tem 766 páginas. Desde 1810 as cinco primeiras partes, de um total de seis, estão depositados nos acervos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, para onde foram trazidas em 1808 por dom João VI, preocupado em evitar a captura do precioso texto pelos exércitos de Napoleão Bonaparte que avançavam sobre Portugal. A sexta parte, dividida em duas, foi perdida e depois reencontrada na Biblioteca de Évora. Somente em 1976 a Biblioteca Nacional estabeleceu a versão completa e definitiva do manuscrito, inclusive com a parte depositada em Évora, recebida em microfilme. É esse o texto que publicamos agora em dois volumes, com as três primeiras partes no primeiro e as demais no segundo, com apresentação do historiador paraense Vicente Salles [17].

[...] A primeira edição, que reproduziu apenas a quinta parte, data de 1820 e se deve ao bispo José Joaquim de Azeredo Coutinho, responsável pela localização dos manuscritos. Em 1840 o pai da historiografia brasileira, Francisco Adolfo Vanhagen que considerava a obra "uma preciosidade", patrocinou a publicação da segunda parte, em edição complementada com notas críticas elaboradas em 1843 por Antônio Ladislau Monteiro Baena. Em 1878 o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) publicou a sexta parte, tornando acessíveis os originais de Évora a alguns estudiosos brasileiros, entre os quais Euclides da Cunha. Escrito entre 1757 e 1776, o Tesouro Descoberto, segundo o próprio João Daniel, contém na primeira parte a "notícia geográfico-histórica" da Amazônia: descrição, descobrimentos e navegações internas, origem dos nomes, principais rios, qualidade das águas e do clima, povoações, fauna e flora.

Na segunda parte vem a "notícia geral dos índios, seus naturais, e de algumas nações em particular": populações indígenas, com destaque para religiões, línguas, habilidades e aptidões, demografia e fecundidade, doenças, práticas de guerra, presença da antropofagia, uso de venenos e de contra venenos.

Na terceira parte encontramos a "notícia da sua muita riqueza nas suas minas nos seus muitos, e preciosos haveres, e na muita fertilidade das suas margens", com descrições das minas, frutas, madeiras, tinturas naturais, ervas e plantas medicinais.

Na quarta e quinta partes (conforme o manuscrito da Biblioteca Nacional) temos, finalmente, o "tesouro descoberto no rio Amazonas", quando João Daniel descreve o modo de vida dos habitantes locais, com ênfase nas atividades agrícolas então desenvolvidas: engenhos de açúcar, feitorias de aguardente, principais plantações, métodos de pastoreio de gado, pesca, fabricação de louça e cerâmica, além da vida dos missionários e da presença de missões espanholas na região.

A quinta e sexta partes (conforme o Manuscrito de Évora) indicam os "meios e métodos de poder melhor e com brevidade povoar e desfrutar o Amazonas", uma questão da maior atualidade para os brasileiros neste início do século XXI [04].

A seguir traz-se algumas partes da extensa obra para “saborear” a riqueza dos textos descritivos e ensejar algumas reflexões que vem ao encontro às perguntas norteadoras.

No capítulo 10, do primeiro volume, mostra-se a relevância e sacralidade que os povos têm sobre as manifestações astrológicas. Neste contexto, a visão do autor relata a crença em idolatria, muito comum dos missionários que levam seus "preconceitos" como baliza para fundamentar suas observações sobre as diferentes culturas, no que tange ao sagrado, como se observa na descrição de Daniel.

Mas no rio Amazonas, e seu grande sertão, não consta que alguma das suas diferentes nações adorasse algum ídolo; e só os do império do Peru, com serem já mais ladinos, e mais polidos, adoravam o sol, como logo diremos. Sim, parece que às estrelas, e principalmente ao sol, e à lua, rendem algumas adorações, ou todas, ou algumas das outras nações, e se infere dos nomes com que nomeiam a estes deus astros, Sol e Lua: porque aqueles chamam *Coara Ci* - mãe do dia, ou mãe do mundo; e a esta apelidam Jaci-mãe dos frutos da terra: e que chamam os astros mãe dos sublunares, parecem conhecê-los, e reconhecê-los criadores, e por divindades. E na verdade tem ocasiões em que festejam por muito a lua, como quando aparece nova: porque então saem das suas choupanas, dão saltos de prazer, saúdam-na, e dão-lhe as boas-vindas, mostram-lhe os filhos, e a modo de quem oferece, estendem os braços, além de muitas outras ações, ostensivas, de quem na verdade a adora. Tudo isto presenciei eu mesmo, achando-me no campo com alguns, não só batizados, mas também ladinos; porque gritando um que via a lua, os mais, que estavam recolhidos em uma grande barraca, todos saíram a festejá-la; e alguns, entre as mais ações de alegria, estendiam os corpos, puxavam-se os braços, mãos, e dedos, como quem lhe pedia saúde e forças em tanto que eu cheguei a desconfiar de que estavam idolatrando. E se assim faziam os mansos educados, e doutrinados nos dogmas da fé de Cristo, que farão os bravos, e infiéis? Fiz esta observação nos índios da nação Arapium do rio Tapajós [04].

Ainda neste mesmo capítulo, Daniel relata como se dá o anulamento das crenças dos povos originários pelo colonizador religioso da fé, mostrando o que pensava ser o papel daqueles Jesuítas no entendimento das razões sobre o sagrado para aqueles povos, onde esses estão sendo convidados a compreendê-los.

Incutir a visão do diabo e do inferno como ameaça para melhor cuidar (doutrinar) dos povos indígenas, ao qual tinham sob guarda.

Desenganado então o missionário da sua pouca religião, e muita idolatria à sua vista, e em pública praça mandou queimar estes seus ídolos, ou sete corpos mirrados, cujas cinzas juntamente com as pedras mandou deitar no meio do rio, desejando afundir com elas por uma vez a sua cegueira, e cega idolatria: deste fato se confirmou que o gentilismo da América era idólatra, como o do mais mundo; e que só se diferenciava dos idólatras das outras partes em que os infiéis das mais nações por mais cultos e polidos eram mais regulados, e apurados no culto, adoração, templos e sacrifícios aos seus falsos deuses, e verdadeiros demônios; e que os tapuias, como mais selvagens e brutos, os adoravam, e idolatravam neles mais brutalmente, e com as poucas ou nenhuma cerimônias que permite a sua inata rusticidade e barbaridade, mas que todos caminham para o inferno, e[ngana]dos pelo demônio por meio daquelas insensíveis estátuas, que são o imã da sua eterna perdição. E sendo Deus tão manifesto na formosura dos céus, [...] dão a conhecer e louvam a seu Criador por verdadeiro Deus e único Senhor do céu, e terra, e a quem só é devida toda a adoração, honra e glória; é, contudo, Deus tão pouco conhecido e tão pouco adorado! E pelo contrário, sendo o diabo tão feio e abominável inimigo de todo o bem, e condenado por rebelde ao seu Criador, tem, contudo, tanto séquito, e tanta adoração das gentes, que em muitas partes é mais temido que Deus! Vê-se isto claramente nos mesmos tapuias do Amazonas, e América, que são tão cegos, que admirando a variedade das criaturas, e formosura do Universo, não chegam a conhecer ao único e verdadeiro Deus que os criou: *Verbo Domini Coeli firmati sunt, et spiritu oris*

*ejus omnis virtus eorum?*⁴ E contudo tem notícia do diabo, [e o] nomeiam com vocábulo próprio na sua língua com a palavra Junepari, donde infiro que também têm alguma luz de que há céu e inferno, posto que muito tênue e confusa; e do diabo têm muito medo [04].

O texto também faz uma leitura sobre o fenômeno de ‘emancipação da alma’ da ‘dupla vista’. Os missionários, imputando ao ‘diabo’ qualquer fenômeno espiritual desconhecido, talvez por conta das suas verdades, que consideram mais fidedignas do que daqueles a quem colonizaram: “*E os rapazes que, ou por inocentes, ou por medrosos, ou por tudo, são mais prontos a dizerem o que veem, e o que ouvem, têm confessado por vezes que viram o diabo.*”

No Capítulo 12, p. 337 do Volume 2, o autor dedica-se a classificar, em diferentes atributos, a figura do pajé. Analisa, também, o efeito das curas e a interligação com a presença do ‘diabo’ na tentativa de negar o fenômeno e a possibilidade da intervenção do sagrado e do divino, como expressão da cultura viva desses povos originários.

Têm, porém, alguns índios aos quais muito respeitam, não porque os venerem por sacerdotes, e muito menos por deuses, mas porque cuidam que eles têm algum superior poder para os castigar e maleficiar, como entre nós os feiticeiros; e os diferenciam com o nome de pajés, que em rigor significa médico, ou marinho, e uns os respeitam por veneração, e outros por medo, estes os temem, e aqueles os amam. Mas na verdade só são uns embusteiros, e noveleiros, que com embustes fingem muita patarata, com que não só se fazem temidos, e respeitados, mas também conseguem assim melhor os seus intentos. Fingem-se poderosos e inculcam-se (qual Simão Mago, que dizia: se esse *aliquem magnum*⁵) por soberanos, que podem alcançar cousas grandes, e quanto do sol, lua, dos astros e elementos; e que falam com o diabo; tudo maranhas, e mordem a granjearem estimação, medo e respeito entre os mais, que o lhes ofertam seus mimos, e dádivas, e suas mesmas filhas... [04].

No Capítulo 6, ainda no volume 2, Daniel apresenta um método para anulamento dos saberes dos povos originários, através da educação de ensino regular sistematizado às crianças, adolescentes e jovens.

A escola/catequese assume esse papel de fazer-se meio, sistemática pedagógica para o letramento cultural aos moldes do que pensa ser o doutrinador, colonizador religioso da fé.

Em todo o mundo são as escolas, e os estudos os meios comuns, e universais para civilizar os povos, industrial os meninos, criar a mocidade, e cultivar as gentes: nem há reino, ou nação no mundo por mais culta, e política que seja, que não usa destes meios sob pena de virem a ser os seus filhos rústicos, ignorantes, e intratáveis; e se este é o meio indispensável para aprender a ser homens ainda nas gentes mais cultas, com maior razão o deve ser nas nações bárbaras, rústicas, e ferinas, como são os índios da América, os quais criados à lei da natureza, vivendo como feras do mato, tendo por exemplos a rusticidade dos pais, não têm outro meio para se fazerem gente, senão as escolas, em que com as letras aprendam a tratar com gente, e se façam homens [04].

A ideia de disseminar e garantir o esquecimento da cultura e religiosidade dos povos originários se faz pela garantia da perpetuação da ideia tida como verdade e assim repetida

⁴ Lat: Com a palavra do Senhor firmaram-se os céus, e com o sopro da sua boca, toda a virtude deles. Sl. 32, 6

⁵ Lat: que era alguém importante. Atos, 8.

sempre. Essa é a propositura do Pe. João Daniel para o erguimento de seminários pelas comunidades do Rio Amazonas.

Um prelado consultado no Amazonas sobre o meio mais proporcionado para industrial, e civilizar os índios respondeu que, além das escolas, se erigisse um seminário dos meninos mais sabidos de cada missão, e que nele se ensinassem os primeiros rudimentos com a língua portuguesa, e polícia, para que voltando para as suas missões já mais instruídos, pudessem ser mestres dos outros [04].

Além da natural questão de gênero, histórica e estrutural, vê-se a introdução da educação das meninas, como novo recurso de poder e de riqueza do dominador, garantindo, assim, o domínio cultural, econômico, religioso como agente transformador da sociedade em prol de sua verdade.

E se as meninas se juntassem também em outro seminário, onde com boas mestras aprendessem também a ler, e as mais artes próprias daquele sexo, seria outro meio para se civilizarem aquelas nações, e para se aumentarem as suas aldeias Ali com os bons costumes, e doutrina cristã aprenderiam a fiar fino o algodão, e a fazer aquelas finíssimas telas, e chitas, que com tanta delicadeza fazem na Ásia, o que tudo cederia em aumento daquele estado. Já em outro tempo houve empenhos de fabricar naquele estado as famosas chitas da Índia; não sei qual foi o impedimento para se não pôr em execução este projeto, que, se se praticasse, podia ser um dos seus maiores comércios pela abundância, e bondade do seu algodão, mas parece-me que o melhor meio seria este de recolher, e ensinar as índias meninas em seminários, e recolhimentos com boas mestras [04].

4 DO SÉCULO XVIII PARA OS TEMPOS ATUAIS: CONVITE PARA O AJURI⁶

Ajuri quer dizer “*vivência com meio ambiente rural e interação social econômica, política e espiritual.*” [18]. É nesse sentido, que essa seção quer trazer luz aos encaminhamentos reflexivos que esse artigo propõe. Assim como no Ajuri: cada um dá sua parte de trabalho na construção do bem de todos, num trabalho coletivo [19].

Primeiro, esclarecer e conhecer o contexto de vida dos povos originários e os impactos dos processos de colonização apresentados nos relatos dos primeiros viajantes na Amazônia. Quem eram os povos originários? Quem eram os colonizados religiosos da fé? Em que papel o leitor se observa? Quanto temos parte nas práticas de colonização que duram de formas diferentes até os dias atuais? Quantos equívocos foram produzidos por nós nas inúmeras reencarnações nessas terras amazônicas? Como construímos na atualidade a nossa aproximação com esses povos originários? Respeito sua cultura?

Segundo, que reflexos essas ponderações lhe são necessários para apoiar sua construção moral como Espírito imortal? Jesus viveu a seu tempo entre nós, vivendo entre colonizadores, os Romanos e sua estrutura de governo, os judeus com o domínio sobre a fé e a verdade divina. Ele não pertence a nenhum dos movimentos humanos. Apenas, se propôs a ser exemplo de

⁶ AJURI – Ajuda mútua, mutirão, ajuri, putirum, putirão, puxirum, etc. Embora a palavra mutirão tenha sido consagrada pela preferência popular, há quase uma centena de sinônimos, considerando as várias regiões brasileiras. Ajuntamento, reunião. tim.: Do tupi A, eu, e iúri, vem, vir. (MELLO, 1983, p. 22)

moral, por isso disse: *“Eu não vim destruir a Lei, mas dar-lhe cumprimento.”* [20]. Qual lei-verdade queremos impor por meio de nossa conduta moral?

Nessa convivência com os diferentes, no tempo de Jesus, Ele apresentou o mandamento maior: *“Amar o próximo como a si mesmo: fazer pelos outros o que queremos que os outros fizessem por nós”*. [21]. Com que amorosidade vemos os povos originários?

Terceiro. Qual o nosso papel como espírita? O que estamos fazendo de diferente nessa reencarnação? Estamos conscientes dos nossos compromissos reencarnatórios com a coletividade onde vivemos? Como nos relacionamos com o lugar que possibilita a vida, a convivência com a diversidade, o respeito à natureza e aos povos, no cosmo divino das terras amazônicas? Diante dos três pontos apresentados, vamos fazer o “ajuri”? Seja bem-vindo ao nosso “ajuri”, que significa dizer que estamos juntos na mesma tarefa.

5 APRENDIZADOS

Desde quando construí minha linha de reencarnação, observando minha filiação nordestina e a vinda para o Amazonas, em 1971, ficou muito nítido os compromissos reencarnatórios vinculados as terras amazônicas, mas especialmente quando comecei a realizar trabalhos profissionais com a cultura do guaraná. Ao fazer uma revisão de literatura sobre os pesquisadores da cultura do guaraná, encontrei o primeiro registro sobre a planta do guaraná realizado pelo Pe. João Daniel. Só não entendia o que as quase 1.300 páginas de Daniel teriam conexão com minha vivência espírita. Após algumas conversas e encontros com a co-autora deste artigo, vimos a necessidade de ter um texto de análise para seguir com o artigo. Não demorou uma noite e fui ao encontro da obra de Daniel que havia comprado há quase 5 anos. Pude me ver nas narrativas de Daniel, não para julgar, mas para acolher sua história e olhar para a minha, para o trabalho que faço com alegria junto aos caboclos guaranicultores; e daí, ressignificar resignado o “ajuri” que fui convidado à participar, na condição de espírita.

6 CONCLUSÃO

Nesses tempos de transição planetária e localizados conscientemente num orbe que está ao final de um período de “separação do joio e do trigo” [22], por meio de uma pandemia (COVID-19), a resignação nos toma e traz paz? “Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados, Jesus aponta a compensação que hão de ter os que sofrem e a resignação que leva o padecente a bendizer do sofrimento, como prelúdio da cura.” [23].

Olhando a história recente da nossa comunidade FAK, os movimentos migratórios no qual acolhemos Haitianos, Venezuelanos, por meio do Grupo Hermanitos⁷, os nordestinos que vieram no período da borracha e aqui estabeleceram suas famílias, os “colonizadores” de vários regiões do Brasil que foram atraídos pelo labor no “Polo Industrial de Manaus”, são estas as estratégias divinas para nos oferecer o móvel do “amor ao próximo”, onde podemos ressignificar nossas reencarnações rumo ao progresso individual e coletivo.

Ressignificar se dá pela autoconscientização que se reflete na conduta moral e nas obras, na qual o fruto da boa árvore [24] produz em abundância, na qual cada leitor poderá, amorosamente, olhar para si, conhecer-se [25] e progredir para as próximas reencarnações.

⁷ <https://hermanitos.org.br>

7 REFERÊNCIAS

- [1] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Brasília, DF: FEB, 2018. Q. 132
- [2] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Brasília, DF: FEB, 2018. Q. 621
- [3] PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica: Laudato Si' - Sobre o Cuidado da Casa Comum*. Edições CNBB, 2015.
- [4] DANIEL, Padre João. *Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas*. Vol. 1-2. Apresentação de Vicente Salles. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- [5] TOCANTINS, Leandro. Introdução - *A bíblia ecológica do padre João Daniel*. In: Padre João Daniel, *Tesouro descoberto no rio Amazonas*, Biblioteca Nacional, 1976, vol. 1, p.7-24.
- [6] KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2.ed. 7.imp. Brasília: FEB, 2018. Cap Sede Perfeitos, Item 3.
- [7] KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2.ed. 7.imp. Brasília: FEB, 2018. Prefácio.
- [8] MEIRELLES, J.; MARTINS, F. *Amazônias Viajantes. Os viajantes e a reflexão sobre a Amazônia nos últimos cem anos*. In: Revista de Estudos Brasileños. Vol. 6. No 11. p. 13-31. 2019. Disponível em: <http://revistas.usal.es/index.php/2386-4540/issue/current/showToc>. Acesso em: 26 Set 2023.
- [09] AMIN, Mario Miguel. *A Amazônia na geopolítica mundial dos recursos estratégicos do século XXI*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 107, setembro 2015: 17-38.
- [10] ALMEIDA, M. R. C. *Um Tesouro Descoberto: imagens do índio na obra de João Daniel*. In: Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 3, n.5, p. 147-160, 1998.
- [11] FEDERAÇÃO Espírita Brasileira. *Nota Explicativa*. 28 de setembro de 2007. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Nota-explicativa-O-livro-dos-esp%C3%ADritos-1.pdf>. Acesso em: 12 Out. 2023.
- [12] PIRES, José Herculano. *A pedra e o joio: crítica à teoria corpuscular do Espírito*. São Paulo/SP: Paideia, 1974, p. 18.
- [13] KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 19, item 7, p. 374.
- [14] KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB. Cap. XVII, item 3, p. 348.
- [15] Conselho Indigenista Missionário (CIMI). *Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil*. Disponível em: <http://cimi.org.br/wp-content/uploads/2021/11/relatorio-violencia-povos-indigenas-2020-cimi.pdf>. Acesso em: 5 Jun. 2022.
- [16] KARDEC, Francisco C. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, Questão 216, p.130.

- [17] ALMEIDA, M. R. C. *Um Tesouro Descoberto: imagens do índio na obra de João Daniel*. In: Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 3, n.5, p. 147-160, 1998.
- [18] MELLO, Anísio Thaumaturgo Soriano de. *Vocabulário etimológico tupi do folclore amazônico*. Manaus, SUFRAMA, 1983.
- [19] ARAÚJO, M. I.; MATOS, G. C. G. de; SOUSA S. G. A. de. "Ajuri-Processo e Valorização do Saber Tradicional Amazônico." In: Congresso da Apdea, 8.; *Encontro Lusófono em Economia, Sociologia, Ambiente e Desenvolvimento Rural*, 2., 2016, Coimbra. Políticas Públicas Para a Agricultura Pós 2020. Sl: Apdea, 2016. P. 2389-2406., 2016
- [20] BÍBLIA DE JERUSALÉM. 1.ed. 10.imp. São Paulo: Paulus, 2015. Mateus, 5:17.
- [21] KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2.ed. 7.imp. Brasília: FEB, 2018. Cap XI - Amar o próximo como a si mesmo, Item 4.
- [22] BÍBLIA DE JERUSALÉM. 1.ed. 10.imp. São Paulo: Paulus, 2015. Mateus, 13:24-30.
- [23] KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2.ed. 7.imp. Brasília: FEB, 2018. Cap V - Bem-aventurados os aflitos, Item 12.
- [24] BÍBLIA DE JERUSALÉM. 1.ed. 10.imp. São Paulo: Paulus, 2015. Mateus, 12:33.
- [25] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Brasília, DF: FEB, 2018. Q. 919, 919-a.